

línguas iberoromânicas mas em semelhanças interromânicas. Nisso focalizaremos em primeiro plano o final do verso, ou seja, a epífora e não as ligeiras divergências da estrutura do TP na anáfora, que no francês, analogamente ao alemão, são programadas pela colocação obrigatória e, parcialmente, pela posição inicial necessária do pronome da primeira pessoa, o francês *Je*:

Armand GUIBERT:¹⁰

Je ne suis *rien*.
Jamais je ne serai *rien*.
Je ne puis vouloir être *rien*.

Rémy HOURCADE:¹¹

Je ne suis *rien*.
Je ne serai jamais *rien*.
Je ne peux vouloir être *rien*

Antonio TABUCCHI (1993):¹²

Non sono *niente*.
Non sarò mai *niente*.
Non posso voler essere *niente*.

Voltando o nosso olhar destas traduções românicas que todas chegam muito perto do TP no que diz respeito à estrutura, fica mais uma vez bastante evidente o quanto a sintaxe específica da oração alemã dificulta determinadas traduções literárias. Problemas de tradução, dados aqui particularmente pela ordem dos elementos sintáticos da oração e mais especificamente pela seqüência dos vocábulos em formas verbais compostas, ou então no entrelaçamento de modais e infinitivos, têm um papel tão decisivo como no nosso exemplo principalmente em textos ou trechos de textos com grande elaboração formal. Nos outros casos, a julgar pela minha experiência adquirida em seminários de teoria da tradução, esta problemática surge bem menos. Dois casos que ocorrem com relativa freqüência, mesmo em textos formalmente menos elaborados, são: 1) casos, em que a posição na oração é relevante para o realce semântico, no que posição inicial e final são às vezes de maneira diversa pontos nevrálgicos, e 2) casos, em que a ordem dos elementos sintáticos é expressão direta da seqüência temporal, causal ou argumentativa. Principalmente em textos narrativos pode

¹⁰ Fernando Pessoa. Présentation par Armand GUIBERT. Choix de textes. Bibliographie, portraits, fac-similés. (Paris:) Pierre Seghers (1960). (*Poètes d'aujourd'hui*, 73), pp. 154-7 (apenas excertos).

¹¹ Fernando Pessoa, *Bureau de tabac*. Traduit du portugais par Rémy HOURCADE. (Le Muy:) Editions Unes (1985).

¹² Fernando Pessoa, *Poesie di Álvaro de Campos*. A cura di Maria José de LANCASTRE. Traduzione di Antonio TABUCCHI. (Milano:) Adelphi (1993), p. 199.

ser relevante qual das impressões visuais é a decisiva e deve, da perspectiva do observador de um acontecimento, ser transmitida ao leitor em primeiro lugar.¹³

A contemplação do verso 4 de nosso poema pretende ainda chamar atenção para um outro fenômeno sintático, cuja manutenção, é verdade, representa poucas vezes um problema no alemão, mas cuja observação constitui tarefa particular dos bons tradutores, mesmo nos casos em que não se lida com linguagem de acentuado esmero formal. O *À parte isso*, separado graficamente pela vírgula e destacado do que segue por uma curva de intonação especial e um anteposto separado com respeito à fonética frasal, encontra-se, na tradução de Celan, enquanto *dennoch* completamente nivelado e integrado à oração, tanto do ponto de vista gráfico quanto no quesito da intonação. A curva toda de intonação é aplanada. Mesmo que o *dennoch* fosse semanticamente exato - o que ele não é - e mesmo que fosse colocado em posição inicial: "Dennoch trage ich", e ainda que traduzíssemos - semanticamente mais correto - com *im übrigen*, em posição inicial, seria o todo integrado na oração sem a referida curva de intonação. Um *dennoch* ou um *im übrigen* não pode em alemão ser destacado sem mais nem menos do resto da oração: se o período afirmativo traz em alemão mecanicamente o verbo conjugado em segunda posição, integra-se com o mesmo mecanicismo o primeiro elemento, sem qualquer separação no que concerne a intonação, foneticamente a esta forma verbal. É necessária uma oração subordinada anteposta ou uma construção em participio, tal qual escolhida por Lind (*Abgesehen davon*), para preservar de maneira plausível uma disposição no início da oração que se destaca pela intonação. Esta construção tem ainda que ser destacada graficamente por uma vírgula, o que Lind fez também, para prevenir a realização nivelada quanto à intonação que ocorre em "*Abgesehen davon trage ich*". Mesmo neste ponto, os tradutores espanhóis não têm dificuldade. O *Esto aparte* (Nº3 e Nº4) respectivamente *Aparte de esto* (Nº5) funciona, no que concerne a intonação, como o *À parte isso* do TP. E de novo os tradutores franceses e o tradutor italiano vêem-se na mesma situação feliz: um *Cela mis à part*, um *À part ça* ou *A parte ciò*, com os quais começa o verso 4 destes, têm com a mesma naturalidade uma separação na intonação como consequência. Penso que este exemplo seja suficiente para mostrar que a feição particular da sintaxe alemã prepara as suas armadilhas não só onde existem problemas de tradução mas também em casos que não constituem um problema mas que demandam uma atenção especial do tradutor, demandam que

¹³ Cf. a respeito por exemplo as observações interessantes acerca do conto de fada estilizado de Jakob Grimm: Gunhild GINSCHERL, *Der junge Jacob Grimm*. 2ª edição, ampliada pelo ensaio "Der Märchenstil Jakob Grimms" (...). Stuttgart 1989, aqui: p. 421 ss. (provavelmente versão não modificada do referido ensaio, cuja primeira edição data de 1963).

ele esteja sensibilizado o suficiente para não acompanhar de maneira irrefletida o ducto sintático que mais facilmente se oferece.

Os trechos de TP e TCH, reunidos na seção II), pretendem nos mostrar um problema de tradução que não é de natureza sintática mas morfosintática. Seja observado de antemão que no caso ele existe tanto para o tradutor espanhol quanto para o tradutor alemão.

Se analisamos de maneira contrastiva os tempos verbais de passado do alemão, por um lado, e das línguas românicas, por outro, o assunto abordado é principalmente a coexistência de imperfeito com dois perfeitos nas línguas românicas, em oposição a apenas duas formas no alemão, o pretérito e o perfeito. Em outras palavras: o particular consiste no fato de não existir em alemão um imperfeito ao lado do perfeito mas apenas um pretérito que grosso modo assume as funções de imperfeito e perfeito simples das línguas românicas. Em teoria de tradução, porém, evidencia-se logo que o contexto na maioria das vezes determina ou esclarece facilmente se este pretérito assume a função expressa por imperfeito ou perfeito simples românicos. O que a crítica de tradução levanta em erros, origina, portanto, geralmente na falta de conhecimento do tradutor alemão, em relação ao uso do imperfeito (nas traduções do alemão para o português) ou em relação ao seu significado (nas traduções do português para o alemão). No caso das traduções do português, pode, no entanto, surgir um problema pelo fato de a língua ter dois perfeitos, sendo que um deles, o perfeito composto, restringe-se a funções bastante determinadas (iteratividade ou duração que se estende até o momento da locução ou bem perto dele) e sendo que o perfeito simples assume, tanto na linguagem escrita como na linguagem oral do português, as funções do pretérito e do perfeito em alemão e dos perfeitos simples e composto do francês, italiano e espanhol; isto, além de poder assumir uma função que no alemão é ou pode, enquanto perfeito resultante-presencial, ser coberta parcialmente por formas verbais do presente. Quero ilustrar isto através de um exemplo por excelência, um tanto macabro, porém mais ilustrativo que todos os outros relativos a este assunto que até agora me vieram à mente: o verbo português *morrer*. Objetivei a questão mediante dois encadeamentos paralelos de exemplos (sendo que o imperfeito português e o pretérito alemão com suas funções só figuram a título de completude, para evidenciar a estrutura global divergente): Vide quadro da página seguinte.

A primeira das três utilizações da forma portuguesa *morreu*, ilustradas na primeira rubrica horizontal através de exemplos, deve ser entendida como expressão de uma ação passada enquanto acontecimento, particularmente no encadeamento narrativo: depois de uma série de acontecimentos precedentes

Ação em decurso	Ação como acontecimento, Ação como fato principalmente em narrativa contínua	Resultado da ação como estado presente
-----------------	--	--

Português

Imperfeito	Perfeito simples	—————→	
<i>Morria</i>	No dia seguinte, <i>morreu</i> .	Sabes que <i>morreu</i> o Esteves?	O que é do Esteves? - Mas o Esteves (já) <i>morreu</i> (há muito).

Alemão

Prétérito	—————→	Perfeito	—————→
<i>er starb</i>	Am Tag darauf <i>starb</i> er.	Weisst du, dass der Esteves	Was mit dem Esteves los ist?
	Na linguagem oral às vezes	<i>gestorben ist</i> ?	- Aber der Esteves <i>ist</i> doch
	Perf.: Am Tag darauf <i>ist</i> er		(längst) <i>tot</i> .
	<i>gestorben</i> .		

Compare também:

Port. <i>ia embora</i>	Logo depois <i>foi</i> embora.	<i>Foi</i> embora agora mesmo.	(Já) <i>Foi</i> embora (há muito).
Deutsch <i>ging</i> weg	Gleich darauf <i>ging</i> er weg.	Der <i>ist</i> gerade <i>weg-</i>	Der <i>ist</i> (schon) (lange) <i>weg-</i>
	Respectiv.	<i>gegangen</i> .	
	Gleich darauf <i>ist</i> er <i>weg-</i>		
	<i>gegangen</i>		

sucede o acontecimento: “No dia seguinte, *morreu*”. Na língua alemã escrita, a dizer, na literatura narrativa, na historiografia etc., corresponde a isso o pretérito *starb*: “Am Tag darauf *starb* er”. Se o pretérito for usual na língua oral - há restrições regionais -, ele é aplicado aqui com esta função. Na língua oral das regiões em que o pretérito não tem mais uso, já demanda-se o perfeito para o caso: “*ist er gestorben*”. Nos casos em que o português *morreu* não designa uma ação enquanto processo no passado mas como fato do passado com conseqüências para o presente: “Sabes que *morreu* o Esteves?”, mesmo o falante do alemão, que expressa o acontecimento no pretérito, lança mão do perfeito: “Weisst du, dass der Esteves *gestorben ist*?”. “Weisst du, dass der Esteves *starb*?” indica um falante com pouco domínio do alemão - por exemplo um português...- que utilizaria em sua língua materna um tempo simples nesta função. Muito aparentado com a segunda função do perfeito português que foi esboçada aqui, porém com outra constelação de expressão, é o *morreu* em: “O Esteves (já) *morreu* (há muito).” Para simular uma situação em que esta afirmação fosse corrente, antepus uma pergunta à qual a frase acima seria a resposta: “O que é do Esteves?” - resposta (eventualmente repetindo antes a pergunta franzindo a testa: “O que é do Esteves?”) - “Mas o Esteves (já) *morreu* (há muito)”. Aqui pode, em alemão, de novo figurar o perfeito: “Was mit dem Esteves los ist?” - Aber der Esteves *ist* doch längst *gestorben*”. A resposta mais espontânea no entanto me parece ser: “Aber der Esteves *ist* doch (längst / schon lange) *tot*.” Ou seja, a um perfeito em português que expressa um acontecimento que nem interessa mais enquanto fato do passado mas do qual interessa apenas aquilo que resulta para o presente, a um perfeito por assim dizer presencial, corresponde em determinadas situações no alemão uma elocução que traz a marca do presente também na forma verbal. Esta situação no entanto restringe-se a certos verbos que expressam transformação, principalmente àqueles que expressam mudança de lugar, onde podem ocorrer e quase sempre ocorrem *weg sein*, *fort sein* etc. ao invés de *weg-*, *fort-*, *rein-*, *raus-*, *rauf-*, *runtergegangen sein* etc.¹⁴

No nosso poema, pois, a polifuncionalidade irrisante do perfeito simples em português tem um papel singular.

O eu lírico reproduz respectivamente, através do tempo verbal do presente, os pensamentos, desejos, sentimentos, percepções etc. que lhe advêm em seu

¹⁴ O verbo alemão *gehen* (ir) pode através da composição com advérbios como *weg*, *fort* (embora), *rein*, (para dentro), *raus* (para fora), *rauf* (para cima), *runter* (para baixo) etc. formar os verbos *weggehen*, *fortgehen* (partir, ir embora), *reingehen* (entrar), *rausgehen* (sair) etc. No caso referido pelo autor, ocorre então ao invés do particípio passado do verbo composto + o auxiliar *sein* (ser / estar), usados para a formação do perfeito, o verbo principal *sein* conjugado + o advérbio que seria utilizado na composição. [Nota do trad.]

quarto, por cuja janela é possível avistar a “Tabacaria”. Estas formas do presente que acompanham, sucedendo-se em cadeia, o fluxo dos pensamentos, desejos etc. sucessivos, assumem com isso a mesma função que os perfeitos na narrativa de reminiscência. A simples sucessão assinala que uma ação é terminada quando a próxima inicia. A simples subsequência na menção marca a subsequência dos acontecimentos (pensamentos etc.). Esta observação relativamente bana, que no entanto é importante para a análise que segue, pode ser comprovada principalmente nos 125 versos aqui não transcritos que obedecem por completo a este uso do tempo verbal. No nosso excerto, temos mais alguns elos desta cadeia:

V. 147/8: “a realidade cai”
depois: “Semiergo-me,”
e V. 161: “lervanto-me”
então: “Vou”.

Se a cadeia de formas verbais no presente é então seguida por dois perfeitos (verso 130: “*chegou* à porta e *ficou* à porta”), isso não pode significar que exista a intenção de apresentar as ações como a c o n t e c i m e n t o que antecedem o acontecimento da ação subsequente, veiculada por forma verbal do presente (“*Olho-o*”, verso 131). Pois - como acabamos de ver - esta simples antecedência de uma ação enquanto processo, frente a uma ação subsequente no presente, é expressa, na cadeia de ações do presente, justamente por formas verbais deste mesmo tempo verbal. O que no nosso caso seria: * “*chega* à porta e *fica* à porta”. O perfeito “*chegou* à porta e *ficou* à porta” pode no nosso caso compreender somente aquele perfeito resultante-presencial: o eu lírico não registra o acontecimento, a ação enquanto tal. Ele registra a ação apenas depois que ela já ocorreu, registra o seu resultado que representa um estado entretanto presente, ao qual o eu lírico reage no âmbito da cadeia de ações no presente com “*Olho-o*” (verso 131).

O mesmo vale para o perfeito no verso 146: “Mas um homem *entrou* na Tabacaria”, que constata novamente um estado que no momento da afirmação já aconteceu, não um estado novo em vias de acontecer, ao qual sucedem as ações dos versos subsequentes, expressas no presente (“cai”, “semiergo-me” etc.).

Como comportam-se os tradutores frente a estes perfeitos simples com função resultante-presencial?

- Celan traduz, ao meu ver, com equivalência funcional e estilística pelo perfeito do alemão que é o tempo com a mesma função resultante-presencial (além disso a única forma possível nos casos, em que o equivalente apenas

presencial, do tipo *ist tot / weg* etc., não é disponível): “*ist (...) erschienen und stehen geblieben*”; “*hat (...) betreten*”.

- Lind utiliza em ambos os casos o pretérito, o que suprime o tom resultante-presencial e faz surgir, na soma com as formas de presente vizinhas, uma seqüência de pretéritos e presentes que se revezam, uma seqüência não usual, mesmo na boca daqueles falantes do alemão que utilizam o pretérito como tempo narrativo. Usual seria apenas a mudança - momentânea ou definitiva - do tempo narrativo pretérito ao tempo narrativo presente enquanto “*praesens historicum*”, mas não a mudança inversa, do presente ao pretérito, utilizada aqui por Lind.

- Das traduções espanholas, N° 3 e 4 reproduzem as formas do perfeito em português pelo presente: “*se asoma*”; “*se queda*”, respectivamente “*permanece*”, “*entra*”. Perde-se assim o jogo sutil entre as formas de presente e perfeito que caracteriza o TP, mas mesmo assim: a seqüência global das orações espanholas não é prejudicada por isso nem em sua aceitação gramatical nem na clareza semântica, e a decisão a favor do presente também na tradução das formas do perfeito é justificável se julgamos, a exemplo da interpretação dos perfeitos em português acima, que sua função é mais resultante-presencial do que temporal-preterital. Mais perto, no entanto, da intenção do TP, está Angel Crespo (N°5) que traduz os perfeitos do português com o perfeito composto do espanhol: “*ha asomado*”; “*se ha quedado*”; “*ha entrado*”. Ele lança mão de um valor do tempo composto em espanhol que Alarcos Llorach evidenciou de forma marcante, a dizer, a maior proximidade - temporal ou temática - deste tempo, se comparado com o perfeito simples, ao momento da elocução, à situação e aos acontecimentos respectivos ao momento da elocução, em última análise até de modo resultante-presencial, ou seja, com certa analogia ao perfeito em alemão.¹⁵

Até este ponto da nossa análise do uso dos perfeitos em português, por um lado, e em espanhol e alemão, por outro, não se evidenciaram problemas de tradução mais graves, ou seja, se é verdade que ao polivalente perfeito simples do português correspondem dois tempos nas outras línguas (alem. pretérito e perfeito, esp. perfeito simples e composto), a decisão pela respectiva forma composta, com ênfase mais forte ou fraca no resultante-presencial, é para ambas as línguas de chegada, embora sejam tão diferentes nos outros aspectos, relativamente evidente e pouco problemática; esta decisão pode, aliás, ser favorável ao presente, já que a mudança do tempo verbal, de passado a presente, não provoca, no caso aqui, nenhuma confusão semântico-

¹⁵ Cf. Emilio ALARCOS LLORACH, *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid (1972), pp. 13-49, especialmente p. 34 e 46; várias edições posteriores.

comunicativa, na medida em que os perfeitos do português são inseridos na mesma cadeia de ações presenciais que as formas verbais do presente e não pertencem a um passado nitidamente diferenciado, ao mesmo tempo que a cronologia relativa das afirmações feitas em formas verbais de presente e perfeito permanece clara. É verdade que apenas um dos tradutores espanhóis lançou mão do presente, mas o seu uso seria mesmo em alemão perfeitamente possível, como mostra a substituição dos perfeitos celanianos por formas verbais do presente nos versos 130 e 146: “Aber jetzt *erscheint* der Inhaber der Ladens in der Tür und *bleibt* stehen”; “Aber ein Mann *betritt* den Laden”.

A configuração relativa aos tempos verbais dos versos 162-167, com os quais o poema fecha, é um tanto diferente. Por si só, esta seqüência homogênea de perfeitos não tem nada de estranho: trata-se daquilo que conhecemos como expressão de uma cadeia de ações no passado: “saiu”; “chegou”; “voltou-se e viu-me”; “Acenou-me”; “gritei-lhe”; “Reconstruí-me”; “sorriu”. Estranho é apenas o salto de uma cadeia de ações com formas verbais no presente (no verso 161) para esta nova cadeia, com formas verbais no perfeito, sem que acontecesse uma troca do plano temporal, de contemporaneidade para antecedência em relação ao momento da elocução (normal seria também em português, a exemplo do que mencionamos acima para o alemão, a mudança inversa, do perfeito ao presente enquanto “*praesens historicum*”). Que a estranheza desta troca não incomoda o leitor do TP, tem ligação estreitíssima com a polivalência do perfeito simples em português: a primeira frase da cadeia a ser discutida aqui, “O homem saiu da Tabacaria (...)”, ainda tem ares de como se tratasse mais uma vez do perfeito resultante-presencial, a exemplo do restante dos versos (130 e 146), acima discutidos, com construção notavelmente paralela: “Mas o dono da Tabacaria *chegou* (...)”; “Mas um homem *entrou* na Tabacaria (para comprar tabaco?)”, (no que deve ser observado também o paralelismo das orações em parentese). Também a segunda oração com forma verbal no perfeito, “O Dono da Tabacaria *chegou* à porta” (verso 164), conserva esta linha: o parentese pode no caso ser interpretado como sinalizador de algo do tipo: “Entretanto, aliás, o Dono da Tabacaria chegou à porta”, ou seja, esta segunda oração não representa o segundo elo de uma cadeia de ações mas algo que tem que ser imaginado como sendo mais ou menos simultâneo à ação no verso 162, um ato, cujo resultado apenas é registrado em segundo lugar e relatado como suplemento a posteriori. O verso 165 e ss. já denunciam, então, inequivocamente a passagem imperceptível para uma cadeia de ações. Se as ações do Esteves ainda poderiam ser interpretadas como uma cadeia de ações que no global funciona de maneira resultante-presencial, constituindo apenas uma nova situação, à qual o eu lírico reage, é o mais tardar com o “gritei-lhe” do verso 166 que se evidencia que ocorreu uma mudança do presente ao

perfeito no tempo narrativo, respectivamente no tempo de relato lírico: as afirmações do eu lírico referente ao sucessivamente vivido e suas reações a respeito foram, até o momento, exclusivamente do presente, ao que se aduaria o uso de um “grito-lhe”. O quão irisante a polivalência do perfeito português é, mostra também a primeira parte do verso final, neste trecho com o novo tempo de base, o perfeito: “Reconstruiu-se-me sem ideal (...)”. Em adequação à nova lógica temporal, o verso teria que ser interpretado como acontecimento a ser localizado na cadeia de ações entre “gritei-lhe” e “sorriu”. No entanto, participa ao mesmo tempo o resultante-presencial que sinaliza um estado novo no presente como antes faziam os perfeitos nos versos 130 e 146, um estado presencial de duração, aquele estado que é - por enquanto? - o definitivo, no qual emboca o poema todo. Prefiro não entrar na questão da interpretação do “e o Dono da Tabacaria sorriu” final: para poder analisar corretamente esta frase e o uso do tempo verbal com vistas à tradução, teria que ser esclarecida antes a questão do significado da tabacaria e de seu dono que ambos aparecem grafados com maiúsculas, o que sugere um significado mais profundo, negando metafisicamente ou a metafísica, qualquer metafísica.

Tampouco quanto o sentido do último verso de Tabacaria questionaremos, aliás, o por quê da troca de uma cadeia de formas verbais do presente para uma cadeia de perfeitos. É claro que isto não seria legítimo se o objetivo de nosso estudo fosse a crítica de tradução. Neste caso, seria precisamente esta questão que teria importância prioritária, um vez que apenas após uma resposta plausível a ela poderia ser colocada a questão subsequente, referente à tradução adequada dos respectivos trechos, uma questão fundamental com vistas a uma tradução adequada no que diz respeito a funcionalidade, frente a qual a questão da tradução lingüisticamente adequada de cada oração com seus tempos verbais teria que ser relegada a outra instância, por eventualmente ser secundária. Ao contrário disso, interessa no nosso contexto principalmente e apenas a verificação das traduções espanholas e alemãs de cada forma temporal portuguesa. Espera-se que esta verificação forneça conclusões que possam dizer até que ponto o intuito de dar conta, na tradução, destes tempos verbais pode fornecer esclarecimentos a respeito de diferenças estruturais contrastivas entre línguas que se revelam nas estratégias de tradução parcialmente divergentes.

Vejamos então, qual leitura podemos fazer das traduções sob exclusão das questões mencionadas acima.

A tradução de Celan ignora, por assim dizer, a mudança no tempo condutor, do presente ao perfeito, e reproduz os versos 162-7 integralmente no presente. Perde-se com isso, é claro, o característico do TP, inclusive o irisivo das formas nos versos 162, 164 e 167 que foram aqui especialmente salientadas como sendo polivalentes. A mudança enquanto tal é passível de imitação no

alemão, mas por causa da constelação diferente no inventário dos tempos verbais seria necessário decidir entre pretérito e perfeito. Mudar, no caso, de uma cadeia de formas verbais no presente para uma cadeia no pretérito seria inaceitável pelas razões que mencionamos acima a propósito dos versos 130 e 146, de Lind. Por outro lado, a mudança até aceitável para uma cadeia de perfeitos preservaria sim o irisar entre o narrar retrospectivo no perfeito e o uso do perfeito enquanto tempo resultante-presencial, mas produziria uma cadeia de formas verbais compostas com *haben* e *sein* que seria estranha na língua literária alemã e introduziria um tom acentuadamente oral, incompatível com afirmações tematica e gramaticalmente tão intelectuais e pretensiosas como “o universo / Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança”.

A tradução de Lind muda três vezes do perfeito ao pretérito ou então na direção inversa. Até que ponto a oscilação de Lind se deve à polivalência do perfeito em português, é difícil de determinar. Em todo caso: nos momentos em que a interpretação resultante-presencial é mais tranqüila (versos 162, 164 e 167, primeira parte da afirmação), ele utiliza surpreendentemente duas vezes o pretérito (versos 164 e 167).

A tradução espanhola N°3, com uso contínuo do presente, representa a correspondência exata da tradução alemã de Celan. Ao contrário disso, a polivalência do tempo verbal da LP reflete-se em N° 4 com especial nitidez, na medida em que o mesmo tradutor de N°3 interrompe agora, aparentemente por razões semânticas, a cadeia homogênea de formas verbais no presente, que em sua homogeneidade corresponde, no que diz respeito apenas à forma, bem ao uso contínuo do perfeito do TP, e coloca em dois lugares, conforme a interpretação dos perfeitos em português acima, um perfeito composto que provavelmente tem que ser interpretado como resultante-presencial. A dizer, “El hombre ha salido (...)”, no verso 162 e “El Dueño (...) se ha asomado (...)”, no verso 164, enquanto que no verso final ele conserva a tradução pelo presente. Crespo (N°5) está mais perto do TP, na medida em que ele faz equivaler à cadeia de tempos verbais homogênea do TP, com exceção do “se me reconstruye” no último verso, uma cadeia igualmente homogênea, mas, em oposição a N°3, uma cadeia de perfeitos compostos, no que preserva o caráter ao mesmo tempo preterital e resultante-presencial do perfeito da LP, ou seja, sua virtual polivalência. É notável, contudo, que nem ao menos para um dos trechos aqui analisados apareça, em nenhuma das três traduções espanholas, o perfeito simples do espanhol, apesar de ele não só corresponder formalmente ao perfeito simples do português no TP mas também poder assumir em grande parte as mesmas funções: a do tempo narrativo para processos no passado, a da constatação - em oposição ao pretérito do alemão - de ações do passado enquanto fatos e até, dependendo das circunstâncias, a função resultante-

presencial (cf. o estudo de Alarcos Llorach, p. 21, mencionado na nota de rodapé N°13). Se o perfeito simples favorece portanto, por um lado, a tendência muito difundida de reproduzir na tradução as formas lingüísticas da LP por formas da LCH morfologicamente correspondentes - muitas vezes mesmo negligenciando as diferenças semânticas e estilísticas - ambos os tradutores parecem, por outro, tê-lo julgado inadequado para expressar suficientemente bem o tom presencial no resultante, uma função que o perfeito composto, uma forma mais ou menos semanticamente marcada, desempenha no espanhol.

Resumindo pode-se contudo dizer que tanto as traduções alemãs quanto as espanholas revelam, com sua oscilação entre as diferentes soluções, a polivalência do perfeito simples em português da mesma maneira que a tentativa de reprodução conseqüente por um único tempo verbal (presente) da LCH, que, numa análise mais cuidadosa, se mostra sim aceitável mas não completamente equivalente, não completamente equi-polivalente.

ADENDO

Apenas após a conclusão dos originais para a impressão tive acesso a mais uma tradução espanhola: PESSOA, *Poesía completa*. Edición bilingüe. Introducción, traducción y notas: Miguel Angel VIQUEIRA, Tomo II (Segunda edición), (Sant Cugat del Vallès:) Libros Río Nuevo (1983): *Tabaquería*, pp. 179-191.

Os versos 1-4 são traduzidos por Viqueira como nos N°s 3-5 acima, porém, com um “Aparte eso” no verso 4. Isso confirma mais uma vez que, por causa do parentesco estrutural, a tradução literal no caso não é problemática e de certa maneira até se impõe. A tradução, no entanto, dos perfeitos simples portugueses surpreende ao máximo: enquanto N° 3-5 não traduzem em lugar algum com o perfeito simples do espanhol que seria formalmente correspondente, ou seja, não traduzem de maneira “literal”, Viqueira usa exclusivamente este tempo verbal. Para as formas nitidamente resultantes-presenciais nos versos 130 e 146 isso me parece (com “*se asomó*”, “*se quedó*”, und “*entró*”) menos apropriado que a substituição pelo tempo composto (N°5) ou o recurso ao presente (N°3-4). Para o verso 162 e ss. (com “*salió*”, “*se asomó*”, “*se volvió*”, “*vio*”, “*hizo*”, “*grité*”, “*se me reconstruyó*” e “*sonrió*”) esta tradução tem a vantagem que ela faz surgir no TCH, como no TP, uma cadeia homogênea de tempos verbais do passado enquanto tempos narrativos, no que é de novo necessário suprimir a questão pelo significado interpretativo das formas temporais “*reconstruí-se-me*” e “*sorriu*” nos versos finais e até que ponto um perfeito simples do espanhol faz jus a seu caráter (eventualmente definitivo?) resultante -

presencial. Esta nova tradução consultada mostra, em conjunto a N° 3-5, mais uma vez como os três tradutores encaram neste caso de maneira diferente a equivalência dos perfeitos em português e espanhol, mostra, o quão pouco evidente é uma classificação nitidamente contrastiva. Quod erat demonstrandum...